

# PEDRO TIERRA: O POETA DA DOR E DA RESISTÊNCIA

## PEDRO TIERRA: THE POET OF PAIN AND RESISTANCE

Fabília Ferreira da Silva 1

**Resumo:** Este artigo objetiva analisar a relevância da poesia tierriana para a literatura tocantinense e, de forma mais abrangente, para a literatura brasileira. Para tanto, optou-se pelo título *Pedro Tierra: o poeta da dor e da resistência*, que intenciona reforçar a importância do trabalho em questão. Os poemas *Poema-prólogo* e *Palavra sepultada*, do livro *Poemas do Povo da Noite* (2010), serão estudados sob a perspectiva da literatura de testemunho de Pedro Tierra durante a Ditadura Militar, ao longo dos cinco anos em que esteve preso. Como não podemos falar em testemunho sem mencionar a memória e o trauma, abordaremos a influência que esses eventos traumáticos provocaram na escrita de Pedro Tierra, ou seja, as situações-limite como forma de resistência. Os teóricos que embasaram as reflexões e análises são Márcio Seligmann-Silva, Alfredo Bosi, Michel Foucault, Octávio Paz, dentre outros.

**Palavras-chave:** Pedro Tierra. Poesia. Testemunho. Memória. Trauma.

**Abstract:** This article intends to analyze the Tierrian poetry relevance for Tocantins' literature and, more broadly, for Brazilian literature. For that, the title "Pedro Tierra" has been chosen: the poet of pain and resistance, who wants to beef up the importance of that work. The poems "Poema-prologue" and "Buried Word", from the book "Night People Poem" (2010) will be studied from the perspective of Pedro Tierra witness literature during the Military Dictatorship, during the five years that he was arrested. As we cannot talk about witness without mentioning memory and sequel, we will approach the weight that these traumatic events had on Pedro Tierra's writing, in another words, the limit situations as a form of resistance. The theorists who supported the reflections and analyzes are Márcio Seligmann-Silva, Alfredo Bosi, Michel Foucault, Octávio Paz, among others.

**Keywords:** Pedro Tierra. Poetry. A Witness. Memory. Trauma.

## Introdução

O artigo **Pedro Tierra**: o poeta da dor e da resistência<sup>1</sup> versa sobre a poesia de Pedro Tierra, pseudônimo de Hamilton Pereira. Este estudo busca analisar dois textos poéticos do livro **Poemas do povo da noite**, produzido pelo escritor quando em regime de cárcere, durante a ditadura militar, intitulados *Poema-prólogo* e *Palavra Sepultada*.<sup>2</sup> A escolha desses poemas foi baseada na apresentação da carga testemunhal dos anos de chumbo vividos, bem como pela linguagem marcada pela acidez do momento político e histórico-social. A poesia tierriana traz elementos que possibilitam discutir acerca da memória do cárcere e do trauma vivido por prisioneiros.

A partir da análise dos elementos apontados, surgem alguns questionamentos, tais como: qual a relevância da poesia tierriana depois de 35 anos? Qual seria a contribuição social que o testemunho do poeta oferece nos dias de hoje? Após perscrutação dos versos inquietantes e densos, retirados do livro **Poemas do povo da noite**, pretende-se comprovar o valor histórico e literário de tal escrito, também, como eventos dessa natureza contribuem para a compreensão da nossa realidade.

Assim, objetiva-se analisar a importância da obra de Pedro Tierra para a literatura tocantinense, sobretudo pelo projeto estético singular, a saber, a poesia de testemunho, contribuindo para a compreensão de um passado que ainda se faz presente. Portanto, busca-se entender, por meio da poesia de resistência de Tierra, o que a sua memória foi capaz de registrar, até como ato de resistência, enquanto estava detido como preso político durante a Ditadura Militar brasileira. Trata-se de um estudo bibliográfico que reúne informações biográficas e ensaios críticos sobre Pedro Tierra.

O artigo divide-se em três tópicos que se integram e se complementam. No primeiro tópico, apresentamos o escritor Pedro Tierra, sua carreira literária em meio à repressão artística da época. No segundo tópico, versamos sobre a escrita de testemunho como forma de resistência e o trauma. E, no terceiro tópico, analisamos dois poemas de Tierra, retirados do livro **Poemas do Povo da Noite**, buscando fazer uma relação da sua poesia com a literatura de testemunho e de resistência.

## Hamilton Pereira da Silva ou Pedro Tierra?

Hamilton Pereira da Silva, militante, poeta e escritor, nasceu no dia 6 ou 26 de julho (há dúvidas) de 1948, em Porto Nacional, antigo Norte Goiano<sup>3</sup>. Sua história de vida se passa entre seminários, lutas engajadas e prisões. cursou o ensino médio em Anápolis, mas abandonou os estudos para se dedicar à luta contra ditadura militar. Filho de lavradores vindos do Piauí, no ano de 1930, era o caçula de sete irmãos; entre os 11 e 14 anos, passou por diversos seminários brasileiros. Em Curitiba, onde morava com seu irmão, prestou serviço militar e estudou em uma das escolas mais renomadas do país, o que lhe permitiu maior acesso ao conhecimento e à leitura, bem como a imersão no universo dos livros e da escrita, que, posteriormente, lhe serviria de fôlego para sua existência. Em Goiás, Hamilton Pereira continuou seus estudos em uma escola estadual, na qual se integrou ao movimento estudantil secundarista e, posteriormente, foi presidente da Casa do Estudante do Norte Goiano.

Durante o Golpe Militar de (1964-1985), Hamilton Pereira lutou contra a ditadura junto à organização Ação Libertadora Nacional (ALN), que foi criada no ano de 1968 e liderada por Carlos Marighella e mais dois importantes membros: Carlos Joaquim Câmara Pereira e Carlos Eugênio da Paz, após a dissidência do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Nesse mesmo ano, no dia 13 de dezembro de 1968, foi formado o AI-5, o Ato Institucional, oficializando a repressão e a perseguição política em todo o Brasil.

A Ditadura Militar no Brasil foi um regime autoritário que teve início no mês de março de 1964, com a deposição do presidente João Goulart, após ser acusado de comunismo, e teve

1 A discussão é resultado de reflexões teóricas e estudos de escritores tocantinenses realizados na disciplina Literatura Brasileira e Regionalismo, ofertada pelas professoras doutoras Roseli Bodnar e Juliana Santana de Almeida, do PPG em Letras, da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

2 Regime autoritário no Brasil que teve início com o golpe militar e durou 21 anos (1964-1985).

3 Ex-município do estado de Goiás, hoje estado do Tocantins.

por objetivo conter o avanço das organizações populares e eliminar os comunistas. O regime militar acarretou profundas modificações na organização política, econômica e social do país. O governo comandado pelas forças armadas durou 21 anos, com restrições de direito ao voto e repressão a todos os movimentos de oposição.

É em meio ao cerceamento da liberdade de expressão e dos direitos humanos que Hamilton intensifica a sua escrita e a reflexão sobre a dura realidade do país. Em 1969, aos 21 anos, começa a ser perseguido, assim, a partir de então, passa a viver de forma clandestina, escondendo-se entre um lugar e outro por um período de três anos, mas nunca deixando de escrever, embora muita coisa tenha sido perdida. Foi preso aos 24 anos pelos militares, após ser delatado por um companheiro militante sob a acusação de subversão e atentado contra a segurança nacional.

Preso em Anápolis, Hamilton Pereira foi levado para Goiânia para ser submetido a interrogatórios, depois levado para Brasília onde permaneceu incomunicável, por cerca de três meses. Transferido para São Paulo, passou pelo Presídio Hipódromo, pela Casa de Detenção, no Carandiru, Penitenciária do Estado de São Paulo, Presídio de Barro Branco e, por fim, Presídio Romão Gomes. Julgado e condenado a 12 anos de prisão, após recurso, a pena foi fixada em 5 anos (1972-1977) por subversão e por atentar contra a segurança do país. Cumpriu a pena integralmente até o dia 10 de março de 1977.

Foi no cárcere, em meio a interrogatórios e sessões de tortura, que o poeta sobreviveu à dor. Desse modo, Pedro Tierra, pseudônimo de Hamilton Pereira da Silva, intensificou sua escrita e produziu parte da obra **Poemas do Povo da Noite**. A justificativa de Pereira para a escolha do pseudônimo Pedro Tierra se deu ao fato da sua forte relação com a literatura hispano-americana e das convicções políticas. E foi em um dos interrogatórios que conseguiu pegar uma caneta e dar início ao testemunho dos horrores, à violência e às privações a que fora submetido no cárcere.

Apesar da violência física ter deixado de ser um espetáculo público desde o século XIX, não significa que tenha deixado de acontecer em prisões. Desaparece a encenação da dor em praças, guilhotinas, no entanto, o poder sobre o corpo não deixou de existir. A verdade é que na prisão sempre foram aplicadas medidas de sofrimento físico e psicológico, o que Foucault (1997) caracterizou como suplício, por se caracterizar como

Um elemento na liturgia punitiva, e que obedece a duas exigências. Em relação à vítima, ele deve ser marcante: destina-se, ou pela cicatriz que deixa no corpo, ou pela ostentação de que se acompanha, a de tornar infame aquele que é sua vítima; [...] traça sobre o corpo do condenado sinais que não devem se apagar (FOCAUL, 1999, p.37).

Tierra e os demais presos não passaram por simples punição corporal, mas por um ritual organizado e planejado, para deixar marcas indeléveis no corpo e na mente dos que sobreviveram.

O poeta aprendeu e aperfeiçoou a técnica de escrever em pequenos pedaços de papel retirados dos maços de cigarro, pois, em caso de uma revista pelos agentes penitenciários, seria possível engolir esse papel para não ser descoberto. Quando conseguia despistar os militares durante a varredura, enviava as poesias por meio de outras pessoas para fora da prisão, inseridas dentro de canetas.

Ele explica, na abertura de seu livro **Poemas do Povo da Noite**, que seu ato de escrever se deu em razão de uma visita recebida na prisão, no caso, de um senhor chamado Mayer Kucinski, que procurava notícias da filha Ana Rosa Kucinski, militante da ALN, desaparecida. Na abertura de seu livro, Tierra narra que sua conversa com Kucinski talvez tenha sido uma das mais dramáticas que já tivera em razão de ver o sofrimento, a procura e o tormento nos olhos de um pai à procura da filha.

Mayer Kucinski buscava Ana Rosa, sua filha. Desejava, para seguir vivendo, ver o rosto de Ana Rosa. Varava meus olhos com o cravo dos seus e me pedia, patético – a mim, que àquela altura cumpria já o terceiro ano de prisão – uma palavra, ainda que fosse a notícia de sua morte. Eu não tinha nenhuma palavra para lhe dar. *“Há uma hora em todas as bocas se fecham. /Há uma hora em que a memória nega* (TIERRA, 2010, p.12).

Diante desse cenário, é justamente essa dificuldade de representação que, às vezes, acomete o escritor por estar diante do indizível, visto que nem a própria palavra encontra meios de extravasar o que se sente. A ausência da palavra se dá em razão dos horrores, da violência sentida e vivida na prisão, assim, embora a palavra seja a convenção usada pelo homem, não significa que seja fácil usá-la para expressar o trauma.

Para Jeanne Marie Gagnebin (2009, p.110), o trauma é uma ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito. Em outros termos, é uma peculiaridade de uma pessoa que sofre um trauma a incapacidade de esquecer um passado penoso, bem como o esforço de dizer o indizível.

A primeira edição dos textos de Tierra se deu de forma artesanal e foi organizada por seu advogado Luiz Eduardo Greenhalg. Este retirava os textos contidos dentro das canetas para a esposa passar a ferro; depois, eles eram datilografados. Greenhalg foi uma figura muito importante na vida de Tierra, pois foi o responsável pela saída de grande parte dos poemas de Tierra da prisão. Ele também apresentou Tierra para um grupo que apoiava os presos políticos e seus familiares. O advogado visitava os presos políticos com frequência quase semanal. Em uma de suas visitas a Hamilton, deixou uma caneta de embalagem amarela, daquelas em que não se pode visualizar a carga. Assim, os poemas escritos em pedaços de papel de embalagem de cigarro eram colocados dentro das canetas e entregues para Greenhalg.

Os poemas de Pedro Tierra foram publicados em diversos países, a saber, Itália, França, Espanha e Alemanha. A temática e o conteúdo denunciavam a Ditadura no Brasil, a tortura, a prisão, o sentimento de resistência e a esperança. Pedro Tierra tornou-se o poeta da resistência porque não se deixou *coisificar*, transformou a dor em poesia e a poesia em denúncia.

O testemunho das atrocidades contidas nos poemas representa a denúncia e a resistência de um homem que não se deixou sucumbir pela dor. Somente em 1979, após sucesso internacional, **Poemas do Povo da Noite é lançado no Brasil**<sup>4</sup>. Na pátria de Tierra, a obra teve repercussão pela escrita corajosa, qualidade literária e o pelo viés político.

Na poesia, Hamilton encontrou um meio de se manter vivo e mentalmente saudável. O poeta mergulhou nas dores dos açoites, sentiu na carne o ódio por meio dos olhos e das mãos dos algozes, e usou a palavra para extravasar os horrores que viveu. Atacou a insanidade da Ditadura Militar por meio da escrita para não submergir ao isolamento e à falta de comunicação, transformando a dor em verso e a palavra em resistência.

A obra tierriana se faz importante por permitir ao leitor uma formação crítico-reflexiva entre passado e presente e, ainda, reflexão sobre a realidade social do país e suas contradições.

Sobre o tema, Sartre ressalta sobre a escrita e a luta armada:

Chega o dia em que a pena é obrigada a deter-se, e então é preciso que o escritor pegue em armas. Assim, qualquer caminho que você tenha seguido para chegar a ela, quaisquer que sejam as opiniões que tenha professorado, a literatura o lança na batalha; escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade; tendo começado de bom grado ou à força você

4 Poemas do povo da noite (Editora Livramento, São Paulo, 1979), Água de Rebelião (Ed. Vozes, Petrópolis, 1983). A exceção é o poema A memória do Anjo, incluído em razão da temática que aborda, Dies Irae (Ed. Do Autor, Goiânia, 1999).

estará engajado (SARTRE, 2004, p. 53).

Tierra escreveu para defender a liberdade e para encorajar seus companheiros. Viu-se impelido a armar-se da palavra para registrar sua posição e enfrentar o regime militar. O poeta suportou a dor, mas recusou-se a suportar o silêncio.

## Testemunho e Trauma

A literatura de testemunho é fruto de um processo social ocorrido no século XX e apresenta características específicas que precisam ser discutidas para melhor compreensão do leitor. Para Márcio Seligmann-Silva:

Pensar a literatura brasileira a partir da chave do testemunho implica ampliar a “caixa de ferramentas” do leitor e as suas possibilidades de abordar uma literatura saturada de contato com um cotidiano e uma estrutura social violentos e com práticas de exclusão – social e étnica – igualmente aviltantes. Na medida em que noção de testemunho traz no seu seio o *discurso da memória*, a *teoria do trauma* e reflete primordialmente sobre as *aporias da (re)escritura* do “passado”, podemos com ela explorar essa literatura de modo a dar conta da complexidade dos discursos paralelos e conflitantes presentes na nossa sociedade [...] (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 41-42).

A literatura de testemunho passa a ter o papel de transmitir a memória pessoal para a cultural, de forma a trazer novas discussões sobre experiências sofridas, evitando o esquecimento e a banalização de eventos traumáticos. Um estudo que leva o teor testemunhal, como afirmou Seligmann-Silva (2003, p.12), deve conduzir a uma nova interpretação desses componentes. Toda obra de arte, em suma, pode e deve ser lida como um testemunho da barbárie.

A literatura de testemunho aborda assuntos traumáticos vividos pela pessoa. Ela traz em seu bojo o papel de reivindicação associada à responsabilidade social de trazer ao conhecimento do leitor situações violentas, passagens que a história não é capaz de contar, pois “a literatura expressa seu teor testemunhal de modo mais evidente ao tratar de temas-limite, de situações que marcam e “deformam” tanto a nossa percepção como nossa capacidade de expressão. O testemunho alimenta-se, [...] da necessidade de narrar e dos limites dessa narração” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 40).

Sendo assim, narrar sobre a vivência na prisão, bem como sobre situações de agressões físicas ou psicológicas, não é tarefa fácil para o sobrevivente, pois este precisa rememorar um passado doloroso e confrontar-se com a catástrofe e com feridas deixadas pelo trauma. Em outras palavras, a ferida continua aberta e não pode ser curada nem cicatrizada devido às violações físicas e psíquicas.

Para Gagnebin:

É próprio da experiência traumática essa impossibilidade do esquecimento, essa insistência na repetição. Assim, seu primeiro esforço consistia em tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade (GAGNEBIN, 2009, p.99).

Nesse contexto, a necessidade de testemunhar torna-se uma condição vital para o sobrevivente, contar ao mundo o que viveu e sentiu é imprescindível à vítima para que possa estabelecer uma relação de proximidade. Apesar disso, muitas vezes, o sobrevivente tem receio de que a verdade não seja creditada em seu depoimento. A situação traumática presenciada vai encontrar na imaginação meios para transbordar a dor e a literatura vai prestar-lhe esse serviço por meio da linguagem.

Desse modo, a Ditadura Militar foi um evento traumático que impôs às suas vítimas a rememoração e a representação de uma lembrança congelada sempre presente. O trauma é a história de um choque violento, mas também de um *desencontro* com o real (em grego, vale lembrar, “trauma” significa ferida) (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 49).

Também, a Ditadura Militar é uma experiência traumática por ter sido um evento drástico, coletivo, que levou à opressão, à tortura e ao extermínio de várias pessoas. A memória traumática faz lembrar situações dolorosas de um passado sempre presente e por não ser totalmente assimilada quando ocorre. Por essa razão, o testemunho seria a forma de resistência na tentativa de compreensão dos fatos.

Para Seligmann-Silva:

Relacionar o nosso passado histórico com o trauma implica tratar desse passado de um modo mais complexo que o tradicional: ele passa a ser visto não mais como um objeto do qual podemos simplesmente nos apoderar e dominar, antes essa dominação é recíproca. O trabalho da história e da memória deve levar em conta tanto a necessidade de se “trabalhar” o passado, pois as nossas identidades dependem disso, como também o quanto esse confronto com o passado é difícil (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.76-77).

## O poeta da dor

Contar em verso a vivência traumática é trabalho doloroso para o sobrevivente. Pedro Terra passou pela experiência de tortura física e psíquica nos anos de chumbo e sua poesia se coloca em oposição ao discurso oficial do Estado que oprimia, torturava e matava. A necessidade de fala de Terra tornou-se imprescindível para alívio, porque, como afirma Seligmann (2003, p.20), o testemunho do sobrevivente é, antes de mais nada, a busca de um alívio; e como ocorre com qualquer carga, aquele que a porta quer se livrar dela o quanto antes. E foi por meio da poesia que Pedro Terra encontrou a salvação.

Como afirma Otávio Paz, (1982) a poesia:

É conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une; (...) Súplica ao vazio, diálogo com ausência, é alimentada pelo tédio, angústia e pelo desespero (PAZ, 1982, p. 15).

Ao entrar em contato com a poesia de Terra, evidenciamos esse diálogo de ausência, angústia e desespero, mas também resistência contra a opressão, a situação política e o sentimento de esperança.

Este subtítulo, portanto, traz à baila a poesia de Terra retirada da obra **Poemas do Povo da Noite**, em que rememora os anos vividos em cárcere. Embora a análise seja de apenas dois poemas, é importante ressaltar o que Pedro Maria Casadágua (2010, p.23)<sup>5</sup> revelou sobre a

5 CASADÁGLIA, Pedro. Poemas do povo da noite. p. 23. 3 ed. Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2010. Hamilton Pereira conheceu o Bispo de forma inesperada na prisão e desde então tornaram-se amigos. O Bispo já

poesia de Pedro Tierra: “É preciso dizer que este é um livro de palavras verdadeiras: esta poesia é vida, a vida destes poemas, a vida deste poeta descrevendo versos no porão do dia é agonia ou luta culminante, luminoso desafio à morte”.

Em *Poema-Prólogo*, nos primeiros versos, o leitor já fica ciente do teor do livro: morte, golpe, sangue, cadáver e resistência. Palavras fortes e densas, uma produção poética que leva à reflexão sobre os limites de crueldade que uma pessoa pode suportar.

Fui assassinado.  
Morri cem vezes  
e cem vezes renasci  
sob os golpes do açoite.  
[...]  
Meus olhos em sangue  
testemunharam  
a dança dos algozes  
em torno do meu cadáver.  
(TIERRA, 2010, p.35)

O texto do poema deixa evidente a memória do trauma. A linguagem é densa, cruel, é o grito de sobrevivência em forma de metáfora: morrer cem vezes e renascer outras cem pelas inumeráveis vezes em que viu a morte de perto e resistiu. A sua voz transforma-se em várias vozes, o sujeito poético tem necessidade de gritar sua dramática experiência. O eu lírico fez o que Paz (1982, p.55) afirmou em seu livro: ele falou de coisas suas e de seu mundo, e suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais e históricas.

Os primeiros versos *fui assassinado/ morri cem vezes/e cem vezes renasci* nos remete ao que Michel Foucault (1999, p.36) chama suplício: pena corporal, dolorosa em que o sofrimento é gradualmente calculado. Afirma ainda o crítico que é arte de reter a vida em sofrimento, subdividindo-a em “mil mortes”.

[...] Porque sou o poeta  
dos mortos assassinados,  
dos eletrocutados, dos “suicidas”,  
dos “enforcados” e “atropelados”,  
dos que “tentaram fugir”,  
dos enlouquecidos.  
Sou o poeta  
dos torturados,  
dos “desaparecidos”,  
dos atirados ao mar,  
sou os olhos atentos  
sobre o crime.  
(TIERRA, 2010, p.36)

Nos versos acima, o eu lírico diz a que veio e justifica seu ofício: denunciar. O emprego das aspas em alguns adjetivos vem em forma de ironia para dizer que não houve suicídios voluntários, não houve tentativas de fuga e tampouco atropelados. A farsa é revelada de forma corajosa e seu olhar é de empatia pelos mortos e de atenção às atitudes dos militares.

Os versos deixam de ser do eu lírico e passam a pertencer a todos que o leem. A memória não é só de Hamilton Pereira da Silva/Pedro Tierra, mas coletiva, porque suas lembranças são alimentadas também pela memória do grupo com o qual conviveu.

Nos versos escritos por Tierra, como escreveu Alfredo Bosi, (1997, p. 116), há uma capacidade de resistir e de reproduzir-se, que parece ter algo das formas da Natureza. Sua poesia se desloca do fundo da memória do poeta.

[...] Em cinco séculos  
reconstruí minha esperança.  
A faca do verso feriu-me a boca  
e com ela entreguei-me à tarefa de renascer.  
(TIERRA, 2010, p.35)

O tempo passado na prisão é de esperança, a figura de linguagem *cinco séculos* para se reconstruir uma esperança comprova que, a cada tortura, ele se refazia mais forte. Tierra e o eu lírico se confundem, todas as palavras são necessárias, até mesmo as mais cruéis como os cortes e feridas, pois são elas que darão ao poeta o dever de renascer.

A poesia tierriana é doadora de sentido, compara sua poesia a uma arma para se defender da morte. A linguagem não é ingênua, resiste à falsa ordem do regime opressor. Como destaca Bosi (1997, p.145), resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia.

[...] Fui poeta  
como uma arma  
para sobreviver  
e sobrevivi.  
(TIERRA, 2010, p.35)

Pedro Tierra deixa claro que a poesia foi sua salvação, sua arma de resistência foi a escrita. O fazer poético o encorajou a resistir, a denunciar a crueldade das torturas, do sangue derramado.

Assim, a crueldade da repressão militar e a morte, sempre presentes nos versos de Tierra, no poema *A palavra Sepultada*, são apresentadas de forma mais bárbara ao ponto do próprio eu lírico confessar a impossibilidade de representar com palavras o momento vivido.

Hoje eu queria dizer-lhe muitas coisas,  
de resto, ninguém mais poderia ouvir-me.  
Seu coração receba o vento de minha dor.  
[...]  
Sinto enorme o peso das palavras.  
[...]  
É quando a palavra dita não vem do cerne  
e se perde na cinza.  
Eu queria dizer-lhe muitas coisas,  
Não há como fazê-lo.  
Na cela ao lado, um companheiro morto.  
Algo a dizer sobre isso?  
[...]  
As palavras estão gastas, mortas por dentro.  
[...]  
e sem esperança de compor um canto urgente.  
Hoje eu queria dizer-lhe muitas coisas...  
(TIERRA, 2010, p.41)

Diante da morte presenciada, o eu lírico não encontra palavras para representar o horror, não encontra recursos linguísticos para escrever sobre o crime. A experiência traumática não pode ser assimilada por palavras, por isso, o peso em razão do que não consegue ser dito. É perceptível a intensidade da dor da perda em cada verso de *Palavra Sepultada*. O uso do pretérito imperfeito “queria” retrata a frustração por não conseguir concluir algo: encontrar palavras para narrar a morte de um companheiro. O evento traumático desconstruiu a linguagem

do eu lírico, que ficou entre a necessidade e a impossibilidade de querer dizer ou testemunhar.

Essa passagem descreve o campo sobre o qual a literatura de testemunho está inserida, como mencionou Seligmann-Silva:

De um lado, a necessidade premente de narrar a experiência vivida; do outro, a percepção tanto da insuficiência da linguagem diante dos fatos (inenarráveis) como também – e com o sentido muito mais trágico – a percepção dos mesmos e da sua conseqüente inverosimilhança (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.46).

Nesse viés, o fator que merece ser ressaltado nas duas poesias de Tierra é o sentimento de coletividade. A dor do outro também é a sua. A produção proporciona uma releitura crítica daqueles anos sombrios e permite, também, um olhar mais atento diante da realidade. Seus dois poemas não se constituem em meros registros, mas em uma literatura contemporânea que necessita ser mais bem explorada e discutida.

### Considerações Finais

Este estudo sobre o poeta Hamilton Pereira da Silva/Pedro Tierra proporcionou admiração profunda e mais respeito ainda pelo escritor, visto que se trata de um militante convicto e leal aos seus ideais. Também, admirável a maneira como soube usar a palavra com maestria e semeou esperança e resistência em épocas sombrias.

Com seu talento, Pedro Tierra evoca o passado, provoca o presente, invoca o futuro e o convoca (BOSI, 1977, p.172), pois, mesmo depois de mais de três décadas, sua obra não perdeu a importância, ao contrário, ela nos convida à reflexão acerca do que aprendemos após tantos anos de repressão e sobre as sequelas deixadas em nossa sociedade. A literatura de Pedro Tierra é contemporânea e tem muito a contribuir na discussão sobre a violência, o discurso de ódio e a intolerância entre as pessoas. O que encontramos na poesia tierriana é um exemplo claro do que não queremos que se repita. Sendo assim, essa poesia precisa ser mais explorada, seja pelo seu valor literário e estético, seja pelo valor histórico de seu testemunho. Torna-se imprescindível explorar mais o trabalho de um escritor que ressignificou a dor por meio da escrita e, ainda, claramente, pode contribuir para uma leitura crítica da atualidade.

### Referências

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo. Cultrix, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 1982.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?** 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória e literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

TIERRA, Pedro. **Poemas do Povo da Noite**. 4. ed. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2010.

Recebido em 06 de setembro de 2021.

Aceito em 27 de setembro de 2021.